



**Departamento de Letras e Educação
Curso de Licenciatura em Letras**

Jocielly Neves Felício da Silva

**O Gótico em Diferentes Estéticas de Vampiro: Drácula
de Stoker e Edward de Meyer**

Guarabira – PB

Junho – 2011

JOCIELLY NEVES FELÍCIO DA SILVA

**O GÓTICO EM DIFERENTES ESTÉTICAS DE VAMPIRO:
DRÁCULA DE STOKER E EDWARD DE MEYER**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba, Campus III - Centro de Humanidades como cumprimento das exigências do Trabalho de Conclusão de Curso em Letras sob a orientação da Profa. Esp. Monaliza Rios Silva.

Guarabira – PB,
Junho – 2011.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S587g

Silva, Jocielly Neves Felício da

O gótico em diferentes estéticas de vampiro:
Drácula de Stoker e Edward de Meyer / Jocielly
Neves Felício da Silva. – Guarabira: UEPB, 2011.
48f.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso –
TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Esp. Monaliza Rios Silva”.

1. Literatura Gótica 2. Personagem 3. Vampiro
I.Título.

22.ed. CDD 808.803 75

JOCIELLY NEVES FELÍCIO DA SILVA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras
como cumprimento do Trabalho de Conclusão de Curso.

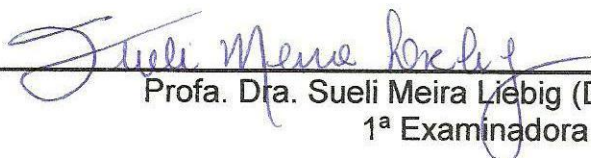
Monografia aprovada em 20 de junho de 2011, com nota: 9,5.

BANCA EXAMINADORA:



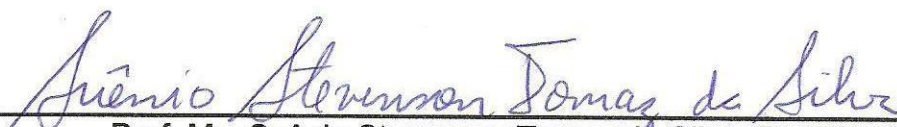
Profa. Esp. Monaliza Rios Silva (DLE/CH/UEPB)

Orientadora



Profa. Dra. Sueli Meira Liebig (DLE/CH/UEPB)

1ª Examinadora



Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva (DLE/CH/UEPB)

2º Examinador

Guarabira/PB
Junho – 2011.

Dedico este trabalho a **Deus** pela minha existência.

.

AGRADECIMENTOS

A **Deus** por esta etapa cumprida, na certeza de que a Sua presença foi constante em minha vida, ajudando-me a vencer cada obstáculo.

À minha querida avó **Zulmira Maria Neves** (*in memoriam*) que esteve presente na minha vida dando amor, alegria e mesmo enferma, me dava lição de vida para que eu não desanimasse diante das dificuldades.

Aos meus pais **Geraldo Felício da Silva** e **Maria José Neves da Silva** que me deram a vida e me ensinaram a viver com dignidade, humildade e amor.

Às minhas irmãs **Josielly Neves Felício da Silva** e **Jociara Neves Felício da Silva** que sempre acreditaram e me incentivaram a buscar meus êxitos.

Aos/Às **professores/as** do Curso de Letras, em especial à professora-orientadora **Monaliza Rios Silva** por me ajudarem a cumprir com este intento.

Enfim, a todos e todas que, de alguma forma, contribuíram para a execução deste trabalho.

Moon Over Bourbon Street

There's a moon over Bourbon Street tonight
I see faces as they pass beneath the pale lamplight
I've no choice but to follow that call
The bright lights, the people, and the moon and all
I pray everyday to be strong
For I know what I do must be wrong
Oh you'll never see my shade or hear the sound of my feet
While there's a moon over Bourbon Street

It was many years ago that I became what I am
I was trapped in this life like an innocent lamb
Now I can only show my face at noon
And you'll only see me walking by the light of the moon
The brim of my hat hides the eye of a beast
I've the face of a sinner but the hands of a priest
Oh you'll never see my shade or hear the sound of my feet
While there's a moon over Bourbon Street

She walks everyday through the streets of New Orleans
She's innocent and young from a family of means
I have stood many times outside her window at night
To struggle with my instinct in the pale moon light
How could I be this way when I pray to God above
I must love what I destroy and destroy the thing I love
Oh you'll never see my shade or hear the sound of my feet
While there's a moon over Bourbon Street

(Sting)

Doce Vampiro

Venha me beijar
Meu doce vampiro
Na luz do luar
Venha sugar o calor
De dentro do meu sangue vermelho!
Tão vivo tão eterno veneno!
Que mata sua sede
Que me bebe quente
Como um licor
Brindando a morte e fazendo amor...

(Rita Lee)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar dois personagens nas obras *Drácula, o vampiro da noite* (STOKER, 1897) e *Crepúsculo* (MEYER, 2005). Deste modo, focalizaremos os protagonistas Drácula e Edward, respectivamente, com o intuito de demonstrar duas estéticas do vampiro em ambas as obras citadas. Como estratégia teórico-metodológica, esta pesquisa se baseia em autores como Botting (1999) e Bourre (1986) na constituição da Literatura Gótica, bem como do personagem vampiro. Percebemos na análise comparativa que o vampiro do romance de Stoker é inserido numa ambiência de mistério e de solubilidade, característica esta, em parte, próxima da Literatura Gótica do século XVIII na Inglaterra, mas que apresenta uma desconstrução da lenda clássica do vampiro ao representá-lo na estética naturalista/barroca no século XIX. Por outro lado, notamos em Edward da obra de Meyer, um vampiro pós-moderno imerso no século XXI nos EUA que se volta para a estética romântica do vampiro.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Gótica. Personagem. Vampiro.

ABSTRACT

This treatise aims to analyze two characters of the works *Dracula* (STOKER, 1897) and *Twilight* (MEYER, 2005). On doing so, one focuses on the protagonists Dracula and Edward, respectively, intending to demonstrate two different vampire aesthetics in both works under analysis. As a theoretical-methodological basis, this treatise is based on authors, such as: Botting (1999), and Bourre (1986) dealt with the constitution of the Gothic Literature, as well as the character vampire. One realized, by using the comparative analysis, that the vampire in the Stoker's work is inserted in the atmosphere of mystery and its solubility, which is partly a characteristic of the Gothic Literature in the Eighteenth Century in England. However, this same work presents a kind of deconstruction of the vampire classic legend, once that Dracula is represented in naturalist/baroque aesthetics in the Nineteenth Century. On the other hand, one perceived a post-modern vampire, immersed in the Twenty-first Century in the U.S. in Edward of Meyer's work. Edward is inserted in romantic aesthetics of the vampire.

KEYWORDS: Gothic Literature. Character. Vampire.

SUMÁRIO

Introdução	10
1. A Literatura Gótica e Suas Fontes	12
1.1. Literatura Gótica	13
1.2. Gótico, Lendas e Mitos: o vampiro em questão	16
2. Os Romances Góticos em Análise: <i>Drácula</i>, o vampiro da noite e <i>Crepúsculo</i>	22
2.1. <i>Drácula</i> , o vampiro da noite	22
2.2. <i>Crepúsculo</i>	28
3. Os Personagens em Foco: o naturalista/barroco <i>Drácula</i> e o pós-moderno/romântico <i>Edward</i>	32
3.1. O Personagem <i>Drácula</i> e o Personagem <i>Edward</i>	33
3.2. <i>Drácula</i> X <i>Edward</i> : Duas estéticas num mesmo estilo.....	37
Considerações Finais	47
Referências	48

INTRODUÇÃO

Drácula, o vampiro da noite (1897) de Bram Stoker e *Crepúsculo* (2005) de Stephenie Meyer apresentam-se como duas obras literárias góticas, uma configurada de forma diferente da outra. Estas obras vão demonstrar as características que esta atmosfera literária representa.

Os romances nos mostrarão que mesmo escritas em épocas diferentes, sua estrutura literária estabelece elementos narrativos semelhantes à estética gótica. O que cabe nesta análise é demonstrar como cada uma destas obras apresenta o gótico. Percebemos que o romance de Stoker se configura numa perspectiva naturalista/barroca do gênero citado. Já o romance de Meyer se constitui numa desconstrução do personagem vampiro, numa abordagem mais pós-moderna.

Drácula, o vampiro da noite é um romance que demonstra várias características do gótico do século XVIII e *Crepúsculo* é uma obra literária que apresenta uma desconstrução do gótico no século XXI. Portanto, é por meio dessas obras que estudaremos seus personagens principais Drácula e Edward.

Na presente pesquisa, buscaremos analisar a literatura gótica e explicitar suas características. Também, estudaremos duas obras literárias góticas que apresentam o personagem vampiro. Ao tomar como categoria de análise o personagem, traçaremos um paralelo analítico entre os dois vampiros Drácula (STOKER, 1897) e Edward (MEYER, 2005). Deste modo, esperamos mostrar a tipologia de vampiro pós-moderno de Meyer, em contraste com o vampiro barroco/naturalista de Stoker.

Como instrumentação teórico-metodológica, esta pesquisa baseou-se em um aparato teórico-crítico em estudiosos como: Sandra Gardini Vasconcelos (2002), Aparecido Donizete Rossi (2008), Nicola Bardola (2009), Fred Botting (1999) e Jean-Paul Bourre (1986), pois estes discutem criticamente a literatura gótica e a estética do personagem vampiro. Tais pesquisas contribuíram para uma compreensão mais aprofundada e uma

análise mais apurada das obras de Bram Stoker e Stephenie Meyer em questão.

Em *Drácula, o vampiro da noite*, podemos verificar a representação de um vampiro naturalista, cujas características são apresentadas por seu comportamento. O Drácula é um sanguessuga misterioso que representa a maldade e a crueldade. Ele possui um instinto animalesco e violento. Seu desejo é representado pela loucura e pela persistência em conseguir o que realmente anseia. Ao aproximá-lo das características do naturalismo, percebemos que o meio em que ele vive se configura como uma metáfora do próprio Drácula, uma vez que se observa um espaço de sombras e escuridão em seu *habitat*.

No romance *Crepúsculo*, o foco central de nosso estudo é o personagem Edward, um vampiro que se diferencia de outros de sua espécie por ser caracterizado como um vivo-morto romântico. Edward apresenta os aspectos típicos do romantismo como: egocentrismo, sentimentalismo, medievalismo, entre outros. Ele é um ser pacífico que traz consigo a tranquilidade, a intelectualidade e possui o sentimento aguçado que o transforma em um vampiro frágil e melancólico.

Dessa forma, foi possível constatar que os vampiros abordados neste estudo se apresentam em aspectos distintos e pertencem à categoria gótica, mesmo que as obras abordadas tenham sido escritas em épocas e estéticas diferentes. Diante das diferenças de tipologia de vampiro, percebemos que o Drácula é um vampiro naturalista/barroco e Edward é um vampiro pós-moderno/romântico.

CAPÍTULO 1 – A LITERATURA GÓTICA E SUAS FONTES

A palavra gótica é um termo de origem *Gotar*, povos que se chamavam Godos em cuja cultura predominava a adoração aos deuses. Esse povo é mais conhecido como Bárbaros, ou seja, pessoas que lutavam para conquistar territórios no período do século III e IV d.C. Foi com essa característica de conquistar regiões que eles conseguiram o tão famoso território do Império Romano.

Como predominaram nesse território por muito tempo, os Godos deixaram suas características marcadas na cultura romana, tais como a arquitetura e alguns idiomas, a exemplo: do alemão, do sueco, do dinamarquês, do norueguês, do islandês e do inglês. Estes aspectos culturais do povo Godo legaram à Europa grande parte de suas raízes culturais. Estas características contradiziam a cultura romana e por muitos séculos a cultura dos *Gotar* foi vista de forma negativa, conforme se vê no trecho a seguir:

a lenta queda do Império Romano engendra profundas transformações. O modo de vida germânico se mescla ao dos derrotados, mas suas culturas são tão diferentes que a herança greco-romana é prontamente descartada, permanecendo praticamente esquecida por mais de três séculos. Superstições passam a influenciar as leis e as relações sociais refletem os diversos tipos de pactos dos germânicos (FERREIRA, 2006)¹.

Na segunda metade do século XVIII, o panorama da literatura inglesa apresenta o estilo literário gótico. É importante salientar que naquele período a sociedade estava vivendo uma transformação de ideais, devido à ascensão do Iluminismo. Contrariamente à Era da Razão (*Age of Reason*), o estilo gótico aparece em oposição ao século das luzes, pois a característica da literatura gótica era a busca pela obscuridade do ser humano, enquanto que o Iluminismo estabelecia o esclarecimento das ideias através da Ciência. Considerando o estilo gótico, vemos:

¹ Vide mais informações no sítio eletrônico: <www.carcasse.com>, acessado em 15/Mai/2011.

reação aos mitos iluministas, às narrativas de progresso e de mudança revolucionária por meio da razão, o gótico surge para perturbar a superfície calma do realismo e encenar os medos e temores que rondavam a nascente sociedade burguesa (VASCONCELOS, 2002, p.122).

De acordo com o que Vasconcelos afirma, notamos que o estilo gótico aparece como uma oposição ao Realismo Iluminista, pois se volta para a subjetividade do ser humano dentro de um contexto sócio-histórico em que se primava a razão. O Iluminismo procurava mostrar para a sociedade que o mundo era muito mais que crenças religiosas e ceticismo. O principal objetivo do Século das Luzes era que a sociedade passasse do Teocentrismo para o Antropocentrismo.

1.1. LITERATURA GÓTICA

Há registros de romance no estilo gótico no ano de 1764, cujo título é O Castelo de Otranto (*Otranto Castle*), de Horace Walpole. Foi essa obra que norteou os elementos estéticos para a constituição da literatura gótica, mas é importante mencionar que antes do ano de publicação da obra mencionada, o termo gótico já existia na Inglaterra e algumas obras já possuíam características góticas, de tal forma que o primeiro texto escrito da Literatura Inglesa (considerado no cânone), *Beowulf*, escrito no século VIII possui algumas características góticas. Sobre o romance gótico, temos:

é uma espécie de patriarca, forma inaugural do que hoje conhecemos genericamente como história sobrenatural ou de terror. É certo que o gótico, como muitos outros gêneros, conheceu os primeiros cultivadores, logo em seguida, um momento de apogeu, para finalmente transformar-se ou se desdobrar em outras formas literárias, que, no entanto, guardam, mesmo após tantos anos, traços do velho estilo. E o iniciador dessa linhagem é o romance de Horace Walpole, O Castelo de Otranto (VIDAL, 1996, p. 07).

Entende-se por literatura gótica um texto que produz medo, terror, estranheza, e que se passa em lugares estranhos, como castelos

abandonados, florestas, cemitérios, entre outros. Tudo isto somado a um clima de mistério, escuridão e segredos. Segundo o estudioso Rossi,

o gótico são as histórias que nos causam medo, ou são as histórias de terror e de horror, ou ainda são as histórias que se passam em lugares sombrios e aterrorizantes, normalmente castelos medievais abandonados e cemitérios mal-assombrados (ROSSI, 2008, p. 55).

Com o que se observa no trecho acima, percebemos que existem três características fundamentais na literatura gótica, são elas: o horror, o terror e o estranho. Numa obra de estilo gótico é importante aparecer esses tópicos, já que dessa forma a história fica identificada.

Outras leituras possíveis da literatura gótica, de acordo com Botting (1999) envolvem destaque nos romances o uso de psicologia dos temas, como: o medo, a loucura, a devassidão sexual, a deformação do corpo. Também se destacam o uso do imaginário sobrenatural (fantasmas, demônios, espectros, monstros); o uso das reflexões sobre o poder (colonialismo, o papel da mulher, sexualidade); aspectos que envolvem a discussão política (monarquismo, republicanismo, as Revoluções, a industrialização); e dos aspectos religiosos (catolicismo, protestantismo, a inquisição, as cruzadas).

As concepções estéticas chamadas de góticas por retirarem sua inspiração de construções medievais, em parte, pode-se dizer que tais romances representaram uma volta ao passado feudal provocado pela desilusão com os ideais racionalistas e pela tomada de consciência individual frente aos dilemas culturais que surgiram na Inglaterra a partir da metade final do século XVIII.

No campo intelectual e político, o estilo gótico ficou muito conhecido no século XVIII, por ser uma produção cultural que criticava a visão do Iluminismo. Era este estilo que evocava a sociedade o que estava sendo escondido pela elite da época, esse tipo de texto literário tentava fazer com que a sociedade não fosse dominada pelo pensamento da razão. Ao trazer a sombriedade do ser humano, o sujeito passa a se conhecer e se reconhecer como indivíduo social, para além dos ditames de uma parte da elite que reivindicava seu

espaço no poder através das ideias progressistas dos Iluministas. Esse período foi o apogeu da literatura gótica, pois muitos autores escreveram histórias de conteúdo literário gótico.

Os terrores e horrores da transgressão na escrita gótica tornam-se meios poderosos para reafirmar valores sociais, virtudes e propriedades: a transgressão, ao cruzar os limites sociais e estéticos, serve para reforçar ou sublinhar seu valor e necessidade, retomando ou definindo limites (BOTTING, 1999, p. 07, tradução nossa).

No período da Era Vitoriana no século XIX o gótico teve uma notável queda porque a rainha Vitória deu apoio ao Iluminismo. Devido a este fato, a literatura gótica da Inglaterra ficou sendo pouco produzida. Porém, o estilo gótico não foi esquecido, pois nos EUA ele surgiu com força total com os autores Edgar Allan Poe e Nathaniel Hawthorne no século XIX.

Quando a Era Vitoriana estava se aproximando do fim, o autor Bram Stoker escreveu em 1897 o famoso livro intitulado *Drácula, o vampiro da noite*, fato este que trouxe a volta da literatura gótica para literatura inglesa.

A literatura gótica teve seus altos e baixos, mas nunca foi esquecida e prova disso é que ela ainda perdura nos dias atuais. Um dos motivos que faz com que essa literatura permaneça viva é a sua particularidade, pois desde o século XVIII até o século XXI ela permanece com algumas características. Porém, apresenta uma roupagem diferente que produz elementos estéticos ditos pós-modernos.

Falando sobre o tempo em que a literatura gótica conservou-se viva, iremos mostrar suas características no século XXI. A literatura gótica desse século transmitiu uma forma diferente no texto, mas não perdeu a característica do estilo gótico do século XVIII, ela ainda permanece com o terror, o medo e o estranho, só que ela moldou sua escrita.

1.2. GÓTICO, LENDAS E MITOS: O VAMPIRO EM QUESTÃO

No ambiente gótico é muito comum relacionar este termo ao vampirismo, pois este mundo vampiresco possui muito das qualidades do termo gótico. O espaço do vampiro é denominado como um ambiente em que traz repulsa, pois esse mundo é conhecido como um ambiente de horror, terror e medo. É visando a este pensamento que iremos apresentar alguns mitos sobre vampiros e relacioná-los aos mitos representados nas duas obras literárias. Diante do tipo vampiro, Summers esclarece que:

em todo o vasto mundo das sombras de fantasma e demônios, não há figura tão terrível, nenhum personagem tão medonho e abominado, e, no entanto, travestido de tal fascínio temeroso, como o vampiro, que não é nem fantasma nem demônio, mas participa da natureza das sombras e possui as qualidades misteriosas e terríveis de ambos (*apud* MAYER, 2008, p. 112).

A palavra vampiro vem do idioma sérvio do século XVII como *vampir* e sua forma básica não é mudada nos idiomas russo, tcheco, búlgaro e húngaro. Os vampiros são considerados muito perigosos, pois esses mortos-vivos sobrevivem de sangue humano.

Bourre (1986) aponta que, segundo as lendas e as crenças, o vampiro seria uma criatura da noite, um não-morto absorvendo a vitalidade dos vivos para escapar ao túmulo. Construiria dessa forma uma espécie de imortalidade mágica na região das trevas, que separam a vida da morte.

O vampiro é um ser misterioso, atraente, sofisticado, solitário, educado e é caracterizado como um nobre europeu. Suas características dão a impressão de que ele seja um ser bom, sem maldades, que vive no meio da sociedade. Sua morada sempre é descrita como um castelo medieval ou como uma casa muito velha.

O vampiro vive de sangue humano, sua prioridade é conseguir seu mantimento, não importa o que venha a causar a outras pessoas, geralmente ele é conhecido como um ser egoísta, repugnante, que causa medo e terror a quem esteja por perto.

A primeira obra literária vampiresca surgiu no início do século XIX com o Dr. John Polidori que escreveu *The Vampyre* (1819) inspirado no sucesso que a literatura gótica estava tendo na Inglaterra. Polidori conseguiu relacionar o termo vampiresco com o ambiente gótico, visto que o mundo vampiresco possui muito das qualidades do termo gótico. O espaço do vampiro é denominado como um ambiente que traz repulsa, um mundo cheio de sombras, morte, escuridão, horror, terror e medo, características essas do estilo gótico. Por esse motivo, entende-se que o estilo literário que deu a vida aos vampiros foi a literatura gótica.

O estilo gótico ficou muito conhecido no século XVIII por ser uma literatura que criticava a visão do iluminismo. Segundo Vasconcelos (2002), o gótico seria a resposta aos medos e às incertezas experimentados naquele período. Assim como uma tentativa de superar os limites da ordem racional e moral e de tratar de tudo aquilo que o Iluminismo havia deixado sem explicações ou varrido para debaixo do tapete.

Esse tipo de texto literário foi o responsável para que o pensamento da razão não dominasse a sociedade, esse momento foi o ápice da literatura gótica e foram escritas histórias de conteúdo literário gótico por muitos autores.

* **Lendas sobre a origem dos vampiros**

- **Drácula**

Praticamente a mais conhecida lenda da origem dos vampiros é sobre o Conde Vlad Drácula cujo nome era na verdade Vlad Tepes ou também conhecido como Vlad III que existiu no século XV na Transilvânia. O seu nome ficou conhecido como Vlad Drácula devido ao seu pai Vlad II que pertencia à ordem *drakul* onde tinha o título de cavaleiro da ordem. A palavra *dracul* significa dragão, talvez os relatores e historiadores da época confundiram o nome de *drache* que era o título de nobreza de Vlad II por *dracul*, que desta forma ficou conhecido o filho Vlad III por Vlad Drácula. Considerando isto, vejamos o que Bourre afirma:

na Romênia do século XV, Drácula – o príncipe Vlad Drakul, senhor de Valáquia – pertencia à Ordem do Dragão, confraria militar de iniciação fundada por Segismundo I da Hungria. *Drac* – a raiz do nome Drácula – significa Dragão, símbolo de imortalidade e de vitória sobre a morte (1986, p. 10).

O Drácula vampiro ficou conhecido pela obra de Bram Stoker (1897), mas há uma lenda sobre uma batalha em que o Vlad III sofreu uma pedrada na cabeça e ficou aparentemente morto. Ao término da batalha, os seus capitães se encontravam sentados de frente à cabana onde o corpo de Vlad III estava e, aproximadamente entre duas a três horas após o fim da batalha, os capitães, enquanto decidiam o que iriam fazer com Vlad que estava morto, escutaram de uma forma sombria a voz de Vlad dizendo que tinha voltado do inferno onde o diabo tinha feito um acordo com ele de libertá-lo para voltar à guerra, não demorou muito para que essa lenda se espalhasse e outras estórias a complementassem.

Considerando as lendas da Eslováquia e da Hungria, entendemos que a lenda de vampiros nasceu por meio de um suicida que abandona o seu túmulo durante a noite para tomar sangue humano e volta novamente para o túmulo antes do sol nascer em forma de morcego depois de transformar várias pessoas em suas vítimas que também se tornariam vampiros depois de mortas.

Nas lendas religiosas, acredita-se que pessoas, as que morrem excomungadas, viram mortas-vivas perambulando pela noite e se alimentando de sangue até que os sacramentos da Igreja os libertem dessa condição. A lenda é também atribuída ao Vlad Drácula, pois este havia sido excomungado da Igreja Ortodoxa.

Foi possível constatar que na versão judaico-cristã os vampiros se originam do personagem bíblico Caim. Mostrando como exemplo que Caim matou Abel ele foi amaldiçoado por Deus pelo assassinato do irmão e os anjos do senhor foram até Caim para que ele se desculpasse e se redimisse do pecado, porém Caim se recusou, preferindo o castigo proposto pelos anjos e

sua punição foi viver em solidão com uma vida eterna e temendo a luz e o fogo e longe do convívio dos mortais. Com o passar de uma era, Deus deu o perdão e o trouxe a este mundo, o mundo dos homens, mas mesmo assim Caim ainda estava com a punição da vida eterna o temor do fogo e da luz.

Esta lenda de vampiro que atribuem a sua origem em Caim não nos relata da sede de sangue que os vampiros têm. No entanto, relata da vida de temor à luz e da solidão eterna e de que esses seres são amaldiçoados por Deus.

Essas versões de diversas civilizações se misturando com estórias e credences populares sobre o surgimento dos vampiros nos levam a refletir que, apesar de todas essas lendas serem inverossímeis, elas seguem uma mesma linha: os vampiros são seres que possuem sede de sangue e são amaldiçoados e imortais.

*** Mitos ligados a vampiros**

Em relação às lendas vampirescas é perceptível que muitas delas contêm a forma de como um morto-vivo sobrevive, o que os fazem bem e o que não os fazem bem. É seguindo esta corrente que iremos falar sobre o sol, crucifixos, caixões, entre outros elementos que estão associados à lenda do vampiro.

- **Luz do Sol**

O repúdio dos vampiros pela luz do dia vem de que a luz do sol simboliza vida e o bem e o vampiro é um ser que representa a morte e traz consigo as trevas e o mal. O vampiro se fere com a luz porque ele inflige a lei natural da vida, cujo ciclo se estabelece entre o nascer e morrer.

- **Artefatos Religiosos**

O Vampiro naturalmente é um ser anticristo e o crucifixo é o símbolo de Cristo. O vampiro tem temor ao crucifixo pelo motivo de que ele inflige as leis de Deus. Esta lei determina que tudo aquilo que tem vida tem que morrer um dia. Por isso, naturalmente, os vampiros têm temor, repúdio e nojo pelos/dos artefatos religiosos como o crucifixo, a bíblia sagrada, a hóstia sacramentada e a água-benta.

- **Alho**

O alho foi colocado nas lendas de vampiros como mais um objeto que provocaria afastamento do mesmo. Esse mito de que o alho leva o afastamento do vampiro vem desde a época medieval. As pessoas juntavam o alho com a pimenta-do-reino e colocavam nos telhados das casas para causar incômodo aos morcegos. Como os vampiros são associados ao morcego, as pessoas pensavam que fazendo isto, causaria a mesma repugnância aos vampiros.

- **Caixão**

Já o mito do vampiro repousar no caixão é que a vida do vampiro começa logo após a morte do humano infectado por outro vampiro, e assim o morto se torna um não-morto, levantando-se de dentro do caixão como um vampiro. Este tende a usar o caixão como um artefato para o seu nascimento para uma vida vampiresca. Quando o sol renasce, o vampiro tende a retornar para o seu ponto inicial de sua atual condição. Por este motivo, o vampiro tem afeto pelo seu caixão.

Em se tratando de lendas e mitos acerca de vampiros, constatam-se alusões nas obras em questão neste estudo a lendas estrangeiras e mitos formados a partir delas. Ou seja, figuras empregadas para designar todo tipo de referência indireta, sobretudo intencional de um texto literário ou elementos dele (TELES, 1989). Tais alusões imprimem um dialogismo da voz do outro (texto) no discurso criado. Estas lendas estrangeiras vão se revestindo do caráter local através da apropriação delas nos elementos narrativos de uma obra literária específica.

A marca intertextual, embora traga a polifonia defendida por M. Bakhtin, embute a ideia dos palimpsestos no texto, ou seja, traços do texto-fonte se interferem na leitura do segundo texto; o que é diferente de “uma referência a um universo artístico-literário conhecido” (TELES, 1989, p. 39).

CAPÍTULO 2 – OS ROMANCES GÓTICOS EM ANÁLISE: *DRÁCULA, O VAMPIRO DA NOITE E CREPÚSCULO*

Este capítulo tem como objetivo abordar os dois romances – Stoker (1897); Meyer (2005) – de forma a contemplar o enredo e discutir a estética gótica presente em ambas as obras.

Porém, cada obra em análise apresenta o gótico de forma diferenciada. Com o intuito de demonstrar esta diferença, recorreremos à apresentação da narrativa de ambos os romances, demonstrando como há uma hibridização do gótico com outras estéticas, tais como a naturalista/barroca em *Drácula, o vampiro da noite* e a pós-moderna/romântica em *Crepúsculo*.

É importante salientar que o cruzamento do gótico com outras vertentes estéticas acima apresentadas estabelece uma forte relação com a época em que as obras em questão foram escritas. Para tanto, lançamos mão aos contextos histórico e filosófico em que as obras estão inseridas.

Somado a isto, cabe ressaltar que não é intento desta pesquisa a apropriação da perspectiva teórica da Estética da Recepção para analisar o contexto de produção e o público leitor. O que tomamos como foco para nossa discussão é a estética literária na qual os romances se configuram.

2.1. DRÁCULA, O VAMPIRO DA NOITE

O romance *Drácula, o vampiro da noite* (1897) de Bram Stoker inicia-se com o advogado inglês de uma firma Jonathan Harker indo para a Transilvânia encontrar-se com um novo cliente, o Conde Drácula, para resolver questões de negócios imobiliários. Nessa viagem ele percebe um clima de superstição dominada pelo povo da região, mas não dá importância e resolve seguir

caminho em busca do castelo do Conde. Chegando ao local ele percebe um clima misterioso e de certa forma fica com medo. No trecho a seguir, observamos a imersão do personagem Jonathan no ambiente misterioso da estética gótica:

Pareceu-me esperar durante um tempo inesgotável e senti dúvidas e temores circundarem-me. Que espécie de lugar era aquele ao qual chegara e que espécie de gente abrigava? Que sombria aventura era aquela de que eu participava? (STOKER, 2002, p. 29)²

Depois de trocar algumas informações de negócios com o Conde, Jonathan fica surpreso por Drácula querer que ele permanecesse por mais algum tempo no castelo. Como Jonathan percebeu que o Conde não estava pedindo e sim obrigando, o medo tomou conta dele e ele não viu outra opção ao não ser dizer sim. Aqui, podemos entender que há uma prisão estipulada ao mortal Jonathan: o encarceramento se dá de forma metaforizada pelo efeito de medo produzido no *outsider* (aquele que vem de fora).

Passado algum tempo no castelo, o advogado percebeu que estava prisioneiro do Conde Drácula, visto que, no castelo não havia mais ninguém a não ser ele e o Drácula. A partir desse momento o terror toma conta dele e ele começa a investigar o castelo, e encontra bastantes coisas esquisitas, e uma delas é o quarto do Conde, já que lá possuía um caixão onde o próprio Jonathan viu o Drácula dormindo.

Lá, numa das grandes caixas, das quais havia cinquenta ao todo, sobre um monte de terra recentemente cavada, estava o Conde! Podia estar morto ou dormindo; eu não sabia qual das duas alternativas era a verdadeira, pois seus olhos abriam-se como pedra, porém não possuíam a transparência da morte (STOKER, 2002, p. 65).

Nesse período ainda não se tinha notícias de Jonathan. Percebemos que a narrativa fica em suspenso e constata-se que o personagem citado está inserido num espaço de mistério. Assim, notamos a aproximação deste

² Esta é a data de publicação da edição de que nos utilizamos para esta análise. O ano de 1897 é a data da 1ª edição deste romance de Stoker.

romance com o estilo gótico. Costuma-se destacar, como algumas das principais características desse tipo de literatura, os cenários medievais – castelos, igrejas, florestas, ruínas; os personagens melodramáticos – donzelas, cavaleiros, vilões, enviados, vampiros; e os temas e símbolos recorrentes, tais como: segredos do passado, manuscritos escondidos, profecias, maldições.

Depois desses acontecimentos o enredo se volta para a chegada do Conde na Inglaterra. A partir deste episódio, a narrativa apresenta os outros personagens do enredo, tais como: Mina, a noiva de Jonathan; sua prima Lucy; os três pretendentes de Lucy – o médico Dr. John Seward; Quincey Morris, um aventureiro americano; Artur Holmwood, um bom homem cuja família era nobre e do qual Lucy aceitou ficar noiva.

Mina estava passando algumas semanas em Whitby na casa de Lucy quando percebeu que na cidade estava ocorrendo alguns acontecimentos estranhos. E nesse mesmo período Mina recebe uma carta indicando que Jonathan estava internado com sintomas de meningite, ela vai ao encontro do seu noivo e quando ele apresentou uma melhora os dois se casaram. Enquanto isso, Lucy ficara muito doente e o seu noivo Artur Holmwood pede que o John Seward cuide dela, visto que ele não podia estar com ela por seu pai também estar doente.

À medida que os dias se passava, Lucy fica cada vez pior e sem saber o que fazer John Seward pede ajuda a seu amigo mais experiente Dr. Van Helsing e este logo identifica com a causa da doença de Lucy. Eles tentam de todas as formas fazer com que ela permaneça viva, mas as suas tentativas são em vão e Lucy acaba morrendo.

Depois da morte de Lucy, Van Helsing revela para John Seward que ela tinha morrido por ser a presa de um vampiro e este sugava todo o sangue que ela possuía. O vampiro como ser influenciado pelo meio, também se mostra na estética naturalista, uma vez que suas necessidades biológicas devem ser cumpridas, a exemplo da saciedade pela comida (sangue). Aqui, a narrativa estabelece uma ponte de ligação entre o episódio do início, ora em suspensão, com o episódio que envolve a morte de Lucy, mediado pelo motivo da saciedade pelo sangue que é característica do vampiro clássico.

Voltando ao episódio de revelação, John Seward não dá muito crédito ao seu amigo e só acredita nele quando Van Helsing lhe dá provas concretas mostrando-lhe Lucy em forma de vampira atacando crianças da cidade para beber o sangue. Percebemos a clara oposição entre a fantasia/mistério e a comprovação/elucidação típica do traçado positivista do final do século XIX.

Inserido num espaço de mistério o *outsider* (representado neste momento por Van Helsing) se vê na busca para uma solução do problema, tal solução seria alcançada ao esclarecer o mistério. Esta estética aproxima-se da *detective story* (século XIX) que prima pela resolução do mistério/do problema. Contextualizando-se com a produção do gênero acima mencionado na Inglaterra do século XIX, percebemos uma semelhança da literatura gótica com a influência teórico-metodológica do positivismo em efervescência na Europa da época citada.

Embevecidos pela obsessão em esclarecer o mistério, Van Helsing e John Seward comunicam a Artur Holmwood e a Quincey Morris o ocorrido e desta forma os quatro vão ao cemitério esquartejar o corpo de Lucy e colocar uma estaca em seu coração para desta forma matar a forma vampiresca dela.

Notamos o uso de formas clássicas do gótico ao se utilizar de mitos que envolvem a lenda do vampiro. Sendo assim, o ato grotesco de mutilação no episódio relatado retoma o momento do século XVIII, tomado pelas ideias da *Age of Reason*. Porém, percebemos uma nítida oposição entre o Iluminismo e o Medieval, este último representado pelo uso da brutalidade e do grotesco; o primeiro, pela obsessão em elucidar o estranho. Desta forma, observamos uma quebra no romance de Stoker com a tradição de histórias de vampiro: a busca pela solubilidade do mistério esclarece o próprio clima de uma história extraordinária.

Depois de alguns dias Van Helsing, observando as cartas de Lucy, percebe a ligação que esta tinha com sua prima Mina e resolve ir conversar com a última. Na conversa ele comunica a morte de Lucy e fala a forma estranha como ela morreu. Mina entende que o doutor administra bem a forma de pensar sobre coisas estranhas ocorridas e revela a ele o que se passara

com Jonathan na Transilvânia. Ambos chegam à conclusão de irem procurar o causador dessas grandes atrocidades, eles combinam de se reunir novamente.

Neste episódio, notamos o clímax da narrativa tomar uma curva decrescente que tem seu ápice na solubilidade do mistério, o que convergiria para o desfecho do enredo. Esta fórmula de narrativa culmina na suspensão do mistério ao revelar alguns motivos narrativos que se encontravam inertes no decorrer da apresentação da cena na diegese. Neste específico romance, a carta de Lucy é o ponto crucial do ponto de descensão (*turning point*) da trama.

Após a reunião com todos os envolvidos, começa a caçada em busca do Conde Drácula. Todas as informações que eles conseguem são preciosas, pois eles querem matar o Conde em Londres, visto que se ele estivesse longe da sua terra natal estaria mais fraco. Com isso descobrem que o conde trouxera para Londres cinquenta caixotes de terra e que esses caixotes estavam espalhados por toda Londres, já que o Drácula possui bastantes propriedades nesta cidade.

Passados alguns dias, os amigos conseguem descobrir onde se localizavam os caixotes do Conde. Utilizando hóstias, quarenta e nove caixotes foram esterilizados, restando apenas um, pois um grupo não tinha conseguido localizá-lo.

Nesse período de tempo Mina vai ficando fraca e ninguém sabe o que ela tem, até que um dia o grupo de amigos chega ao quarto dela e de Jonathan e constata que o Drácula está lá, bebendo do sangue dela. Por sua vez, havia feito com que ela também bebesse do seu sangue para que ela ficasse ligada a ele. Depois desse acontecimento, todos correm contra o tempo para matar o Conde, pois teriam que matá-lo antes que Mina se transformasse em uma vampira.

Com muitas pesquisas o grupo descobre que o Conde está fugindo de volta para sua terra natal e com ele está indo o último caixote de terra. Eles descobrem o navio em que o Conde está e vão esperá-lo no porto de desembarque na Transilvânia. Enquanto o grupo o espera, o Conde já tinha mudado de embarcação e quando os amigos descobrem isso resolvem ir para

o castelo do Drácula, divididos. Van Helsing e Mina vão de trem e carruagem, Artur e Jonathan vão de lancha e Quincey e Dr. Seward vão a cavalo.

Quando o caixote é visto, os ciganos, que fica de tempos em tempos nas terras do Conde, estão carregando o último caixote. E vendo que o Conde já está chegando à suas terras, cada um do grupo vindo por um lugar diferente ataca a carroça e abre o caixote, Jonathan corta o pescoço do Drácula e Quincey apunhala a estaca no coração do Conde. Desta forma, o Conde acaba morrendo e se transformando em pó. Os ciganos ficam aterrorizados com o que ver e fogem. Depois disso a maldição sobre Mina desaparece e todos seguem uma vida como se nada que fizeram tivesse acontecido um dia.

Com este desfecho, pode-se notar a solubilidade do mistério, seguida de pesquisas e aventuras. Visto por este ângulo, o romance gótico de Stoker representa uma mescla de tradições distintas, uma mistura entre o mitológico e o mimético, entre imaginação e realidade. A proposta subjacente seria o retorno a uma época de sonhos contra o materialismo burguês e, até certo ponto, de encontro às características gerais do Humanismo.

Neste romance pode-se observar que aquelas convicções mais simples do pensamento cartesiano e racionalista são postas em dúvida em detrimento de um discurso do sentimento, o qual ora choroso, ora vidente, é frequentemente exagerado na sua representação das emoções. À luz de uma filosofia da literatura no final do século XIX, *Drácula* de Stoker, como romance gótico, levanta questões que desafia o projeto das Luzes ao expor, em parte, a natureza caótica do mundo e a contingência da vida.

Ao se encarregar de uma disposição existencial mais lúgubre, este romance abre um caminho para o surgimento da psicanálise do século seguinte, apresentando em sua narrativa a divisão ontológica do ser humano em duas grandes matrizes constitutivas: às vezes equilibrado, racional e harmônico (entre o clássico e o barroco); e às vezes exaltado, determinista e excessivo (entre o gótico e o naturalista).

2.2. CREPÚSCULO

O livro *Crepúsculo* (2005) de Stephenie Meyer traz ao leitor um enredo sobre vampiros no século XXI. Este romance apresenta uma das características mais importante da literatura gótica do século XXI – a humanização dos personagens, conforme se lê no trecho que se segue:

Essa história de amor do livro de Stephenie Meyer é apresentada de maneira fascinante e tem a mesma densidade de linguagem de *Romeu e Julieta* de Shakespeare. É impossível parar de ler o romance, pois, enquanto reencontramos elementos conhecidos e comprovados das escolas de ensino médio norte-americanas como contexto, a história vampiresca é apresentada como uma novidade, sem atos de amor descritos à exaustão ou manchados de sangue. Todas as páginas refletem dor e desejo, sem cair na vulgaridade. Quem as lê ri, chora e deseja cada próxima página e cada próximo encontro como Edward quer o sangue de Bella, e Bella quer a vida eterna junto a ele. Sentimos suas incertezas, sabendo dos perigos, mas somos incapazes de nos defender deles. A linguagem é tão direta e poética, realista e contemporânea, que todos os acontecimentos perdem sua ameaça e presença de vampiro avança, entre nós, numa doce tentação (BARDOLA, 2009, p. 22).

O romance começa com a jovem adolescente Isabella Swan, filha de pais separados, mudando-se de cidade. Ela vai morar na cidade de Forks onde seu pai mora. Esta cidade, como a própria personagem descreve, é uma cidadezinha onde passa a maior parte do tempo chovendo e por gostar do sol, ela prefere Phoenix a cidade que morava com a mãe. Depois de se estabelecer na cidade, Isabella começa a frequentar a escola e é nesse local que ela conhece o misterioso Edward, o garoto que iria mudar totalmente a sua vida.

Edward aparenta ser um garoto muito esquisito, no ponto de vista de Isabella. Ela percebe que ele é um ser enigmático, por apresentar características oscilantes de humor, uma hora ele é muito rude para com ela e em outros momentos é um ser muito educado e simpático.

O que ela não sabe é que Edward na verdade está tentando preservar a vida dela, pois Isabella está correndo perigo de morte constante na presença dele. Edward é um vampiro e tenta de todas as formas manter seu segredo.

Sua tática de sobrevivência é não beber sangue humano e sim sangue de animal. De todas as formas ele tenta não machucar os indefesos seres humanos.

O primeiro indicador da constituição pós-moderna deste vampiro de Meyer aparece na descrição paradoxal do caráter de Edward com o vampiro clássico: o protagonista de *Crepúsculo* sai à luz do dia, frequenta a escola, veste roupas claras e concernentes à moda de sua época e tem medos e angústias como um garoto na adolescência. Outro elemento importante de se ressaltar é o fato de ele não beber sangue humano, demonstrando que possui escrúpulos e compaixão para com os seres indefesos e mortais.

Mas ao conhecer Isabela, Edward perde o sentido devido ao fato de ela possuir o sangue mais saboroso que já poderia beber e ele tem medo de cair em tentação e machucá-la. Diante do fato de Isabella oferecer uma ameaça a Edward, percebemos a hesitação do vampiro em se aproximar dela em:

_ Para mim, foi como se você fosse uma espécie de demônio, conjurado de meu inferno pessoal para me arruinar. A fragrância que vinha de sua pele... Pensei que me enlouqueceria naquele primeiro dia. Naquela hora que passou, pensei em cem maneiras diferentes de atrair você da sala comigo, ficar sozinho com você (MEYER, 2005, p. 242).

Contrariamente ao vampiro que sucumbe à tentação de saciedade por sangue, Edward pondera e decide vencer seus impulsos. Neste momento da narrativa, percebemos que o vampiro pós-moderno é revestido de sentimentos nobres e humanos quando Edward (na condição de narrador) observa Isabella e percebe que sente algo a mais por ela que o simples desejo pelo seu sangue. E é nesse momento que ele se vê pela primeira vez apaixonado, ironicamente, pelo seu pior pesadelo.

Uma das principais características da estética romântica é a produção de um espaço idílico, cheio de fantasia e evasão da realidade. A perspectiva de um amor impossível fomenta a ilusão e incrementa a perfeição de uma ideia intocável e inabalável. Vê-se no episódio relatado que Edward é revestido de características estritamente humanas e que representa um rapaz comum,

como outro qualquer, independentemente de sua condição de vampiro, apaixonado por uma garota e inexperiente diante do sentimento ameaçador.

No início ele renega esse amor e vai embora da cidade para não fazer nenhum mal a Isabella e, principalmente, para não destruir um princípio que ele havia construído ao longo dos anos: o de não sucumbir e beber sangue humano. Porém, em inter-relação com outros vampiros de outra cidade, Edward se sente angustiado, solitário e infeliz. Por causa disso, ele começa a refletir sobre a sua vida e percebe que não quer abandonar sua família e nem se tornar um covarde que foge dos problemas. Tendo resolvido este impasse, ele resolve voltar a Forks e encarar suas dificuldades.

Vale salientar que o advento de um vampiro diferenciado do clássico sugador de sangue não é primazia de Meyer. Cabe citar Louis, de *Pointe du Lac*, em contrapartida a Lestat de Lioncourt, de Anne Rice, em *Entrevista com Vampiro (Interview with the Vampire, 1973)*. O primeiro é sensível e se alimenta de sangue de ratos. Já o segundo é lascivo e cruel, mas que se apresenta um ser em conflito com o mundo moderno.

Consoante com esta tradição de vampiro em conflito nos EUA, introduzido por Anne Rice, o Edward do século XXI tenta se tornar amigo de Isabella, apesar de suas relutâncias. Com a convivência dos dois, Isabella vai percebendo que Edward é bem diferente de uma pessoa normal, e com suas suspeitas consegue fazer umas pesquisas, onde descobre a verdadeira identidade de Edward Cullen. Após a descoberta do segredo, esperamos que a moça indefesa se afaste do protagonista. Porém, mais uma vez, a narrativa quebra as expectativas e reforça a aproximação dos dois. Esta atitude de Isabella contraria a imagem do vampiro repulsivo.

À medida que Edward passa a conviver com Isabella, ele vai se controlando. Porém, o casal é consciente da ameaça constante que envolve as partes. Neste momento, percebemos uma quebra com a tradição determinista do vampiro. Diferentemente do clássico desprovido de sentimento sublime, este vampiro pós-moderno/romântico resiste às determinações de sua condição e do seu meio, pois outros vampiros com quem Edward tem contato têm a saciedade pelo sangue e pelo sexo descontrolado.

Sobre a perspectiva de análise de que Edward se configura na estética pós-moderna/romântica, tomamos a concepção estabelecida por Stuart Hall (2006) sobre o sujeito pós-moderno e a identidade. Desta forma, entendemos que esta última é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (p. 13).

Consoante com Hall, o polonês erradicado na Inglaterra – Zygmunt Bauman – concorda que a identidade na *modernidade líquida* não deve ser vista como algo pré-estabelecido, antes, ela “deve ser vista como um processo, tal como sua compreensão e análise” (2005, p. 11).

Portanto, ao trazermos um romance do século XXI, é indispensável considerar o contexto social, histórico e cultural em que a obra se encontra. É inegável que a literatura se utiliza de elementos narrativos tradicionais – neste caso o tipo vampiro – mas também dialoga com as transformações estéticas que são legadas pelo homem através do percurso da História.

CAPÍTULO 3 – OS PERSONAGENS EM FOCO: O NATURALISTA/BARROCO *DRÁCULA* E O PÓS- MODERNO/ROMÂNTICO *EDWARD*

Nos personagens em questão, existem dois tipos de vampiros com personalidades distintas, representadas, respectivamente, por Drácula, um vampiro que possui um comportamento naturalista/barroco, e por Edward, um vampiro que tem um aspecto pós-moderno/romântico.

Drácula é um vampiro que vive em um castelo na Transilvânia. Por ser instruído, este vampiro tem bastante conhecimento e possui um título de Conde. Outro fator importante mostrado na narrativa de Stoker (1897) é que Drácula é um personagem típico do naturalismo que demonstra aspectos como: o instinto animal, já que ele é um vampiro; o desejo e a loucura, que neste caso é pelo sangue; a formação de uma nação vampiresca; a representação de um espaço que determina seu comportamento demoníaco e perverso.

Edward é um tipo de vampiro que luta por seus ideais. Em todos os momentos importantes que são mostrados no romance, o personagem sempre se mostra disposto a lutar, como um verdadeiro herói. Ele é um vampiro educado e simples, cujas características são a de um típico romântico.

Por meio destas duas tipologias de vampiro, verificamos claramente uma divisão: um vampiro tradicional, que se enquadra nas estéticas naturalista/barroca, representado pelo Drácula; e um vampiro cujas características estão inseridas nas estéticas pós-moderna/romântica, representado pelo Edward.

Sendo assim, o objetivo deste capítulo é demonstrar como estas tipologias funcionam em cada personagem mencionado acima em suas respectivas obras. Ademais, intenciona-se mostrar que estas diferentes estéticas dialogam com o estilo gótico do século XVIII. Estas tipologias de vampiro vão apresentar as transformações que o estilo gótico sofreu nos séculos XIX e XXI na literatura inglesa e norte-americana, respectivamente.

3.1. O PERSONAGEM *DRÁCULA* E O PERSONAGEM *EDWARD*

A concepção do vampiro credita-se a lendas contadas por povos antigos. Cada sociedade de uma respectiva época mostrava ter em comum uma história com características vampirescas. Foi justamente estudando essas lendas que o autor Bram Stoker se interessou pela lenda de um vampiro muito famoso o Conde Vlad Drácula que na verdade se chamava Vlad Tepes, o empalador. Foi baseado nas estórias desse Conde que ele criou o mais temido vampiro de todas as histórias, o Drácula.

A obra *Drácula, um vampiro da noite* de Stoker traz o personagem Drácula, o vampiro mais conhecido e importante da história da literatura gótica. Este romance é o marco para a criação de outras obras literárias vampirescas, devido ao fato de ele ser considerado um dos livros mais próximos do estilo gótico e é observando essas informações que iremos finalmente apresentar o vampiro e demonstrar como ele funciona na obra citada, assim como apresentar as suas características.

Todos nós já ouvimos falar do Drácula, mas com certeza sempre nos questionamos com a pergunta: quem é o Drácula? Sobre isso, o narrador do romance em análise informa que o Drácula é:

um velho de estatura elevada, muito bem barbeado, porém com um longo bigode branco, vestido de preto da cabeça aos pés e sem o menor sinal de cor em seu corpo ou em suas vestes (STOKER, 2002, p. 30).

Saber detalhadamente sobre sua origem e suas particularidades é praticamente um mistério que perdura toda a sua história, e a sua transformação de humano para vampiro também é um enigma. Só sabemos que ele vem de uma família tradicional da região da Transilvânia e que ele tem muito orgulho da sua linhagem familiar.

Ao referir-se a coisas e pessoas, especialmente a batalhas, falou como se tivesse assistindo a tudo. Mais tarde explicou isso, dizendo que, para um *boyar*, o orgulho, a glória e o fado de sua família e de seu nome constituíam seu próprio orgulho, glória e fado. Sempre que mencionava a família, dizia “nós” e construía quase todas as frases no plural, assemelhando-se a um rei que discursasse (STOKER, 2002, p. 44).

Os seus desejos são calculados de forma implícita, mas mesmo assim não são muito as suas cobiças, a não ser o seu desejo de sangue que isso todo vampiro tem. Observamos também que é perceptível a sua vontade de estar em uma cidade com muitos habitantes, não só porque neste espaço ele possui um banquete para se alimentar, mas percebemos a sua vontade de estar introduzindo em uma sociedade humana e essa necessidade é decorrente de décadas de isolamento em seu castelo, somado ao fato de que o Drácula intenciona não ter sua identidade revelada.

O Drácula poderia ir a qualquer lugar que tivesse vontade, porém devido ao seu comportamento aterrorizante, ele ficou sendo temido nas cidades da sua região e isso foi um dos motivos que o levou a ter escolhido ir à Europa onde ele seria mais um e deixaria de ser conhecido como um ser perverso.

Com o caráter anônimo do Drácula percebemos uma metáfora da obscuridade humana. A permissão do deixar-se conhecer pelos outros oferece um perigo: o de ser desmascarado. O objetivo do Drácula de Stoker é absorver a vida dos mortais através do solver o sangue. Caso sua identidade seja revelada, seus interesses são ameaçados.

A vontade de estar em uma cidade de um grande número de habitantes mostra um pouco do humano que nele há, pois nenhum ser humano passa por muito tempo sem se relacionar com outros seres humanos. Ninguém se mantém em total isolamento, é da natureza humana interagir com outras pessoas. Mas a natureza de manter-se ilhado confere ao Drácula de Stoker o oposto do que prega o determinismo: o homem é resultado do meio em que vive.

Destitui-se, assim, a condição humana do Drácula, pois este apresenta características próprias em detrimento do traço ontológico do que é ser humano. Sendo assim, podemos entender que o Drácula é um ser em conflito, típico do ser barroco. Uma vez que possui características humanas – o sentir-se só e o possuir a fatalidade a partir da estaca cravada em seu peito, ao contrário de um ser sobre-humano – também possui características não-humanas – o poder de voar e da longevidade.

Além de alimentar-se do sangue humano, o Drácula também quer reproduzir sua própria linhagem de vampirismo na cidade de Londres, outro aspecto que o aproxima da condição biológica (naturalista) do humano. Portanto, é notável que a natureza do Conde Drácula de perpetuar sua espécie é contrária à lógica do isolamento.

Em *Crepúsculo* o personagem principal é Edward, um vampiro cuja personalidade é diferente de qualquer outro vampiro que já se ouviu falar. Suas características são associadas ao estilo gótico do século XXI: o obscuro dos séculos passados, somado à perspectiva pós-moderna de valores. Por este motivo é detectado no romance a humanização deste personagem.

Edward Cullen nasceu no século XX, no dia 20 de junho de 1901 em Chicago/EUA. Naquela época ele era conhecido como Edward Anthony Masen, filho de Edward Senior e Elizabeth Masen. Em 1918, devido ao ambiente de epidemia que a cidade vinha sofrendo por causa da gripe espanhola, Edward e sua família contraíram esta doença e esse acontecimento fez com que ele perdesse seus pais e, posteriormente, a própria vida. No hospital, Edward estava sendo cuidado pelo Dr. Carlisle Cullen (que é um vampiro), o qual foi o responsável pela transformação de Edward em vampiro. Depois desse ocorrido, Edward passa a ser reconhecido por Edward Cullen, filho do Dr. Carlisle Cullen. A ausência de Edward não fora percebida pela desordem em que a cidade se encontrava por causa da gripe espanhola.

Edward é um vampiro que tem uma aparência de um garoto de dezessete anos. Como todos os vampiros, as suas características são intensificadas ao olhar humano. Ou seja, o ser humano ao olhar para um vampiro enxerga suas características físicas alteradas. Edward revelava-se aparentemente como uma pessoa normal, mostrando-se ser um garoto perfeito e bonito. Ele é esguio, jovem, não muito forte, cabelo cor de bronze. Porém, sua pele é muito pálida e seus olhos oscilam de cor. Sua personalidade é de constante mudança: uma hora fria e indiferente e outra um garoto muito cativante e simpático.

Edward tem um estilo de vida diferente de outros vampiros, ele só bebe sangue de animal, pois ele não bebe sangue humano para não machucar

ninguém. Ele é um vampiro que tenta não agir por seu instinto vampiresco, ele procura sempre manter uma conduta que ele mesmo criou para seguir. Ele se considera um vampiro sem alma, repugnante, um monstro. Embora evite matar pessoas inocentes ou transformá-las na condição em que se encontra. Esta auto-imagem é provocada pelo fato de ele já ter feito muito mal à humanidade, quando ele saia matando pessoas inocentes. Isso deixa claro que mesmo ele tentando não cometer as atrocidades de vampiro, ele nunca poderá apagar a culpa do seu passado.

Ao lermos o livro percebemos que o psicológico de Edward possui alguns traços de um típico adolescente, pois em certos momentos ele tem crises de personalidade. Ele tenta ser um homem maduro que age pela razão e, em outros momentos, ele age como se fosse um adolescente levado pela emoção. Essa característica é percebida nos momentos em que ele demonstra dominar suas características vampirescas, controlando-se para não beber sangue humano e a outra é quando ele se apaixona por Isabella, visto que mesmo ele sabendo que estaria colocando em risco a vida da amada ele não consegue se afastar dela.

Percebemos, então, que Edward apresenta essas características devido ao fato de ele utilizar do aspecto humano que ainda existe nele. Todas as contradições de suas atitudes se devem a este motivo, visto que são os seres humanos que apresentam essas características.

3.2. DRÁCULA X EDWARD: DUAS ESTÉTICAS NUM MESMO ESTILO

As obras *Drácula, o vampiro da noite* (1897) de Bram Stoker e *Crepúsculo* (2005) de Stephenie Meyer são do estilo gótico, porém de épocas diferentes, visto que *Drácula, o vampiro da noite* é uma obra tradicional e *Crepúsculo* uma obra contemporânea. Tendo em vista esses aspectos, procuraremos demonstrar algumas diferenças e semelhanças, do ponto de vista da configuração do personagem vampiro, nas referidas obras.

A obra *Drácula, o vampiro da noite*, foi escrita no fim da era Vitoriana e trouxe de volta a sociedade o estilo de literatura gótica, como já foi mencionado no início desta pesquisa. O estilo gótico teve seu ápice na metade do século XVIII e, devido à era vitoriana, este estilo teve uma queda por causa das modificações sócio-históricas e culturais deste momento na Inglaterra. Porém, no fim do século XIX, Bram Stoker revive essa tendência e traz à tona um dos personagens mais importantes e, por que não dizer, mais famosos de todos os tempos da literatura gótica.

Drácula, o vampiro da noite é um romance muito importante da literatura gótica porque foi esta obra que deu início a um processo de desconstrução do tipo vampiro a tantos outros romances da mesma temática. Muitas das características que são encontradas em histórias vampírescas são baseadas nas novas configurações que a obra de Stoker apresenta.

Um dos romances que se destacam é o de Stephenie Meyer, que utilizou algumas características do vampiro Drácula e também criou a sua própria roupagem para os vampiros de *Crepúsculo*. As semelhanças e as diferenças entre as duas obras serão demonstradas a partir da análise dos personagens principais: Drácula e Edward.

Drácula é conhecido como o vampiro mais temido de todos os tempos. Ele traz consigo as características do medo e do terror. A obra de Stoker é uma história sombria e assustadora. Segundo Bram Stoker, a descrição de Drácula dá-se da seguinte forma:

seu rosto era enérgico, muito enérgico e másculo, o canal do nariz fino era aquilino e ele tinha as narinas peculiarmente arqueadas. A testa formava uma curva arrogante e o cabelo crescia escasso ao redor das têmporas, porém aparecia em profusão em todos os outros locais. Suas sobrancelhas eram muito espessas e quase se uniam sobre o nariz, formando por bastos pelos que pareciam encaracolar-se devido à sua profusão. O pouco que via de sua boca, pois um grosso bigode a escondia, indicava-me que era séria e de aparência bastante cruel, apresentando dentes brancos particularmente afiados; estes se projetavam sobre os lábios, cuja extraordinária vermelhidão denota surpreendente vitalidade para um homem já idoso. Quanto ao resto, suas orelhas eram pálidas, extremamente pontudas em cima; o queixo aparecia largo e enérgico e as faces denotavam firmeza, embora fossem finas. O efeito geral era de extraordinária palidez (2002, pp. 32-3).

Já Edward é um vampiro que demonstra uma humanização por onde passa, mesmo ele sendo um vampiro, não provoca nem terror nem medo nas pessoas ao seu redor. Porém, as pessoas de sua convivência ficam cientes de que ele é perigoso. Segundo Bardola, crítico da obra citada, a linhagem dos vampiros Cullen, em cuja descrição Edward se enquadra, apresenta:

características de ser rápido, forte, bonito, ter a pele fria e pálida, tem fobia da luz, a cor dos seus olhos muda, é insone, não respira. Literalmente os Cullen não respiram; eles o fazem apenas por costume e conseguem ficar um tempo indefinido sem respirar, embora se tornem incapazes de sentir qualquer cheiro nessas ocasiões. Também são imortais – caso não sejam esquartejados ou queimados (2009, p. 114).

Em relação ao aspecto físico, ambos os vampiros trazem características em comum, mas com significados diferentes. Tanto Drácula quanto Edward possuem a aparência semelhante. Eles têm a pele fria e muito clara, dentes afiados, possuem uma feição sedutora, uma força extraordinária e a imortalidade.

Mas como já foi mencionado, essas características são representadas diferentemente em cada obra. O Drácula possui essa aparência, mas é levado para o lado sombrio, suas características transmitem medo e terror às pessoas, conforme notamos a seguir na voz de Jonathan ao estar cativo no castelo de Drácula:

que espécie de homem será ele, ou que espécie de criatura disfarçada em homem? Sinto que os pavores deste lugar tenebroso me dominam; tenho medo.... um medo horrível.... e não posso fugir. Estou cercado de terrores tais que nem ousou pensar neles... (STOKER, 2002, p. 30).

Já o Edward tem as mesmas características, mas é visto como uma pessoa desceite, pois a sociedade a sua volta o considera um cidadão comum. Assim nos revela a personagem Isabella no trecho que se segue:

fiquei olhando porque seu rosto, tão diferente, tão parecido, era completa, arrasadora e inumanamente lindo. Eram rostos que não se esperava ver a não ser talvez nas páginas reluzentes de uma revista de moda. Ou pintados por um antigo mestre como a face de um anjo (MEYER, 2005, p. 24).

Outra diferença que encontramos nos dois personagens em análise é em relação ao psicológico de ambos. Cada um tem a sua própria forma de pensar, o Drácula é um ser que se aproveita dos humanos, ele sempre quer algo deles, tanto conteúdo como o sangue, conforme lemos na voz do narrador:

este vampiro que está entre nós tem a força de vinte homens; é mais astuto do que qualquer mortal, pois sua astúcia cresce com os séculos; é ainda auxiliado pela necromancia que, como indica a etimologia, consiste na adivinhação por meio dos mortos e todos estes, quando próximos dele, o obedecem. Ele é bruto e mais do que isso, tão cruel quanto o diabo (STOKER, 2002, p. 266).

E o Edward por ter uma natureza humanizada, pensa diferente do Drácula. Ele procura sempre evitar trazer algum dano às pessoas e tem o pensamento de não machucá-las. Por este motivo, ele evita beber o sangue humano. Bardola (2009) entende que:

Aos olhos de Edward, não precisamos nos conformar com o que o destino nos reservou. Ele tenta superá-lo isso e ampliar suas fronteiras. Quer manter as características humanas que

são moralmente boas, não importando quão pouco sejam desenvolvidas (p. 115).

No quesito sangue, os personagens também se diferem entre si. O Drácula é um ser que não se preocupa com o que vai causar às pessoas a sua volta; ele é egoísta e quer conseguir o que anseia, ou seja, o sangue, então não há impedimento entre o que ele deseja e a chance de obtê-lo. Já Edward procura sempre evitar beber o sangue humano, ele bebe sangue de animais, mesmo que este tipo de sangue não o sacie.

Existe outra distinção entre o vampiro de Stoker e o de Meyer: os poderes que os vampiros possuem. Drácula é um vampiro que tem algumas qualidades de mutação, ele pode envelhecer e rejuvenescer dependendo do sangue que bebe; pode também se transformar em lobo, morcego, controlar alguns animais e se transformar numa grande névoa. Quanto às suas habilidades, o Drácula:

pode, dentro de certos limites, aparecer quando, onde e sob qualquer forma que lhe seja disponível; pode, também dentro de certos limites, dirigir os elementos: a tempestade, o nevoeiro, o trovão; pode comandar todos os animais vis: o rato, a coruja, o morcego, a mariposa e o lobo; pode crescer, diminuir e, às vezes, é capaz de desaparecer e aparecer sem ser visto (STOKER, 2002, p. 266).

Já Edward possui a habilidade de ler mentes, ele tem uma audição mais apurada e na alta velocidade que pode atingir. Assim, Drácula é revestido de mais poderes, cuja origem se deve a elementos advindos do imaginário. Já Edward possui uma faculdade extraordinária, não comum aos seres humanos, mas verossímeis do ponto de vista da criação artística. Notemos que o romance de Stoker, neste sentido, assemelha-se mais ao gótico do que o de Meyer, uma vez que o último apresenta mais semelhanças com a ficção científica em voga no século XX.

Além disso, Bardola (2009) revela que de qualquer maneira, Edward é um herói com forças e características inacreditáveis: Edward, por exemplo, consegue rastrear o cheiro das pessoas, pode enxergar a grandes distâncias e

é quase indestrutível. Já o Drácula é mais parecido com a roupagem de um vilão.

Há também a questão do espaço em que os personagens vivem. Neste aspecto, existe uma vasta diferença, pois o Conde Drácula mora em um castelo abandonado, que causa medo, terror e todas outras sensações repulsivas que um humano possa ter. Quanto ao quarto dele, este é horripilantemente decorado, com aparência de abandono, empoeirado, com um cheiro desagradável e tem um caixão que representa proteção, já que é o lugar em que o Conde Drácula descansa, visto que é o momento em que ele fica indefeso. Na descrição de Jonathan, lemos:

súbito, percebi que o guia parava os cavalos no pátio de um vasto castelo arruinado, de cujas altas janelas nenhum raio de luz provinha; suas seteiras quebradas formavam uma linha serreada que se destacava contra o céu enluzado (STOKER, 2002, p. 28).

Já o ambiente em que Edward vive é o contrário, pois seu espaço é límpido, possui luz e claridade; a casa é pintada de branco e é bem sofisticada. O quarto de Edward é de um estilo moderno, tudo em perfeita ordem e limpeza, conforme à época em que a narrativa se passa. Quanto a isso, observamos:

não sei o que eu esperava, mas definitivamente não era isso. A casa era atemporal, graciosa, e deveria ter uns cem anos. Era pintada de um branco suave e desbotado, tinha três andares, era retangular e proporcional. As janelas e as portas ou faziam parte da estrutura original, ou eram uma restauração perfeita. O interior era ainda mais surpreendente, menos previsível do que o exterior. Era muito iluminado, muito aberto e muito grande. Originalmente deveria ter tido muitos cômodos, mas a maioria das paredes fora derrubada, criando um único espaço amplo. A parede de trás, dando para o sul, fora inteiramente substituída por vidro e, para além da sombra dos cedros, o gramado se estendia até o rio largo. Uma enorme escada em curva dominava o lado oeste da sala. As paredes, o teto de vigas altas, o piso de madeira e os tapetes grossos eram de tons variados de branco (MEYER, 2005, p. 254).

E por último temos nas duas obras a diferença sobre as lendas e mitos. É perceptível que em *Drácula* os mitos sobre alhos, caixões, o sol e artefatos religiosos como o crucifixo, a bíblia sagrada, a hóstia e a água-benta sejam apresentadas como algo verossímil.

Os artefatos religiosos na obra são demonstrados como elementos que afastam o vampiro de suas presas. De acordo com Stoker (2002):

há também coisas que o afligem de tal modo que destroem seu poder, como sabemos ocorrer com o alho; as coisas sagradas, como este crucifixo que mesmo agora está entre nós, são mais fortes do que ele, que foge dessa presença em silêncio e com respeito (p. 30).

Em questão da lenda do sol, a obra nos mostra que o Conde Drácula não sai durante o dia porque ele fica fraco, por esse motivo ele é obrigado a permanecer no seu caixão descansando.

seus poderes, como os de todas as coisas más, cessam ao surgir o dia. Apenas em certas ocasiões tem liberdade limitada. Se não está no lugar a que pertence, só pode mudar ao meio-dia ou na hora exata do nascer ou pôr-do-sol (STOKER, 2002, p. 269).

Na obra de *Crepúsculo* é visível que as lendas são apresentadas de forma desmistificadora. Em questão dos artefatos religiosos só é mencionado apenas uma vez o nome de crucifixo, porém Edward explica que o artefato não causa nenhum mal aos vampiros. Em relação ao sol, ele pode sair durante o dia. O sol não o machuca, mas ao aparecer sob o sol sua pele faísca como milhares de diamantes pequenos, por isso que ele evita sair ao sol.

sua pele branca apesar do rubor fraco da viagem de caça da véspera, literalmente faiscava, como se milhares de diamante pequenininhos estivessem incrustados na superfície (MEYER, 2005, p. 207).

Sobre o mito de vampiros dormirem em caixões, na obra *Crepúsculo*, os vampiros não dormem em caixões porque, de acordo com o enredo, eles simplesmente não podem dormir e por fim a lenda do alho na obra se dá como mito. Quanto ao lugar que dorme, Edward responde a Isabella:

- Não tem caixões, nem crânios empilhados nos cantos; nem acredito que tenha teias de aranha... Que decepção deve estar sendo para você - continuou ele maliciosamente (MEYER, 2005, p. 259).

Desta forma percebemos que, embora as duas obras sejam de vampiros, elas possuem algumas semelhanças e diferenças entre si. É importante lembrar também que elas foram escritas em diferentes épocas e devido a isso suas características e interpretações são diferentes mesmo possuindo similaridades.

Quanto às estéticas naturalista e romântica de *Drácula* e *Edward*, respectivamente, e sua relação com a estética gótica, lemos:

o gótico mescla romanesco medieval e romance de vida e costumes cotidianos, povoando castelos e abadias com personagens que portam trajes de época, mas pensam, sentem e agem de acordo com os ideais setecentistas (VASCONCELOS, 2002, p.128).

Apesar do acima exposto, mostramos na análise que há uma desconstrução da estética gótica nos romances em questão no tocante à configuração do vampiro em cada obra. Observamos uma renovação do medieval no gótico, no período decadentista/cientificista do século XIX (representado no romance de Stoker) e no período pós-moderno (representado no romance de Meyer). Ambas apresentam um ambiente vampiresco, visto que abordam histórias de vampiros. As obras foram escritas em épocas diferentes, porém apresentam o estilo gótico de acordo com o período.

Drácula, o vampiro da noite foi escrito no século XIX, e suas características são marcadas pelo mistério que envolve a história. A crueldade do Conde e seus adjetivos o caracterizam como um ser repugnante e miserável que possui uma conduta de um verdadeiro animal.

O personagem *Drácula* também tem características do naturalismo, onde se apresenta como um ser repugnante igual ao ambiente em que vive e

demonstra a sua natureza como ele é, já que ficam evidentes seus hábitos animalescos consonantes com o seu *habitat*.

No romance gótico *Drácula, o vampiro da noite* aparece sentimentos como: desejo, loucura e o instinto de violência do Conde Drácula. Esses aspectos são abordados nos momentos em que o Conde demonstra ser maléfico, demoníaco, perverso e monstruoso.

Os desejos de Drácula são mostrados como cobiça, ele enfrenta tudo e todos para conseguir o que realmente lhe interessa: o sangue, seu mantimento de sobrevivência. Também é notável a loucura do Conde em querer perpetuar uma linhagem vampiresca, rompendo com a tradição do vampiro isolado.

As descrições do ambiente em que Drácula vive também demonstram as características do naturalismo, visto que o Conde sobrevive em um lugar que realmente representa seu caráter. O seu castelo é aterrorizante possui um ambiente de mistério, terror e suspense. Aqui percebemos um rompimento com a simples imagem do grotesco medieval, pois o ambiente decadentista de seu castelo se assemelha ao momento *fin de siècle* em que a obra foi escrita.

Crepúsculo apresenta características da literatura gótica diferentes de *Drácula, o vampiro da noite*. O último foi escrito no século XXI e a estética gótica desse século transmite uma forma diferente no texto, sem perder a característica do estilo gótico do século XVIII, permanece com o terror, o medo e o estranho, só que moldou sua escrita.

O gótico do século XXI contém característica de humanizar os personagens. Estes contêm as características do mal, porém pensam como um ser humano, totalmente o contrário do que se pregava no gótico do século XVIII.

Além da estética gótica, *Crepúsculo* ostenta também a estética romântica, pois o protagonista masculino Edward é o protótipo herói romântico. Seus atributos o transformam em um verdadeiro herói. Muito educado, forte e veloz, Edward possui a habilidade de ler mentes humanas e tem a audição aguçada.

No romantismo são encontradas no protagonista a idealização, os sentimentos aguçados, o medievalismo, o grotesco e o sublime e a natureza interagindo com o sujeito.

A idealização é encontrada a todo momento, visto que os personagens que convivem em volta de Edward o admiram como se ele fosse um ser perfeito, por apresentar muitas qualidades, possuir uma beleza fora do comum e também fazer tudo com perfeição. Como, por exemplo, quando ele toca piano maravilhosamente bem, mostra ser um ótimo jogador de baseball e demonstra sua inteligência nas aulas.

Os sentimentos de Edward são muito aguçados e exagerados e a partir do momento que ele se apaixona por Isabella, se transforma em um vampiro que não sabe lidar com essas emoções por não conhecer esse sentimento. Ele passa a colocar Isabella como sua razão de viver, é perceptível que ele não conseguiria mais viver se ela não o quisesse.

A característica de Edward no medievalismo é representada perfeitamente bem, ele é um verdadeiro cavalheiro em relação a Isabella e a todos a sua volta. É notável esse aspecto nos momentos em que ele salva a vida de sua amada inúmeras vezes e também pela forma educada com que se apresenta para a sociedade.

Em Edward é possível perceber o grotesco e o sublime em relação ao seu amor por Isabela, visto que na obra Edward mantém aspectos de um monstro já que é um vampiro e Isabella uma humana.

É perceptível a natureza interagindo com Edward devido ao clima da cidade que está sempre nublada, escura e fria e combina com o estado de espírito de Edward. Ele é um personagem que, mesmo tendo momentos felizes, está sempre preocupado com alguma coisa, deixando assim um clima de tensão no ar.

Desta forma, por ter todas essas características, Edward apresenta ideais do romantismo, tendo em vista que é caracterizado como um verdadeiro herói que luta pelo bem de todos a sua volta e que luta contra sua própria

essência para se tornar um ser melhor, tomando como postura a de um verdadeiro cavaleiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, constatamos que a literatura gótica é uma estética que produz o medo, terror e a estranheza e que as obras *Drácula*, *o vampiro da noite* e *Crepúsculo* retratam o estilo gótico dos séculos XIX e XXI. Ambas as obras apesar de escritas neste estilo, estão configuradas em diferentes estéticas. Abordamos vividamente os aspectos e as características dos dois vampiros principais das obras mencionadas.

Os romances nos mostrou o perfil do Drácula um vampiro rude, egoísta, detestável e temido que traz consigo o aspecto naturalista que o define como um ser determinado pelo meio em que vive, pois possui instintos de animal. Enquanto que o perfil de Edward é de um vampiro benévolo, simpático e amável que é caracterizado como um ser romântico que possui os aspectos de um verdadeiro cavalheiro e herói.

Por meio desta pesquisa ficou evidente a diferença que ocorre entre os dois vampiros: um é naturalista e o outro, pós-moderno. Mas vale ressaltar que eles pertencem ao mesmo estilo literário gótico, porém se apresentam esteticamente diferenciados.

Concluimos este trabalho demonstrando que estes romances levantam algumas questões acerca da literatura gótica, bem como suas características e suas estéticas literárias. Em vista disto, vimos que embora os romances demonstrassem algumas características semelhantes – o estilo gótico – eles também apresentaram estéticas diferenciadas na representação do tipo vampiro.

REFERÊNCIAS

BARDOLA, Nicola. *Almanaque Crepúsculo: os segredos e as curiosidades dos livros de Stephenie Meyer*. Trad. Claudia Abeling. São Paulo: Lua de Papel, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BOTTING, Fred. *Gothic*. London: Routledge, 1999.

BOURRE, Jean-Paul. *Os Vampiros*. 1ª Ed. São Paulo: Publicações Europa-América, 1986.

FERREIRA, Cid Vale. *Os Godos: do étnico ao estético*. Disponível em: <www.carcasse.com/revista/pesadelar/os_godos/index.php> Acesso em 15/Mai/2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MEYER, Stephenie. *Crepúsculo*. Trad. Ryta Vinagre. 1 Ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

ROSSI, Aparecido Donizete. *Manifestações e configurações do gótico nas literaturas inglesa e norte-americana: um panorama*. Disponível em: <www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume2/primeiras_letras/aparecido_rossi.pdf> Acesso em 17/Mai/2011.

STOCKER, Bram. *Drácula, o vampiro da noite*. Texto integral. Trad. Maria Luísa Lago Bittencourt. 3 Ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Martin Claret, 2002.

TELES, Gilberto Mendonça. Os limites da intertextualidade. In: _____. *Retórica do Silêncio I: teoria e prática do texto literário*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1989, pp. 34-54.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Dez Lições sobre o Romance Inglês do Século XVIII*. 1 Ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.